

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MEMORIAL DESCRITIVO

LUCIANO DE ALMEIDA

CURITIBA, MAIO DE 2020

LUCIANO DE ALMEIDA

Memorial Descritivo apresentado à
Universidade Federal do Paraná como
parte das exigências para progressão
funcional para Professor Titular.

SUMÁRIO

1. Identificação.....	3
2. Introdução.....	4
3. Trajetória acadêmica	
3.1. A graduação em agronomia.....	6
3.2. Mestrado em Extensão Rural.....	8
3.3. A Experiência na Universidade do Tocantins.....	10
4. A Universidade Federal do Paraná	
4.1. Fase de adaptação.....	11
4.2. O Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento.....	12
4.3. As atividades de extensão universitária.....	13
4.4. Pesquisa e produção científica.....	19
4.5. Atividades na pós-graduação.....	21
4.6. Orientações, supervisões e bancas.....	22
4.7. Administração.....	23
4.8. Participação em Órgãos Externos.....	24
5. Considerações finais.....	24

Informações suprimidas em decorrência da Lei
Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)
- Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018.

Informações suprimidas em decorrência da Lei
Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)
- Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018.

Endereço Profissional: Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Agrárias. Departamento de Economia Rural e Extensão. Rua dos Funcionários, 1540. CEP 80035-050. Curitiba-PR.

E-mail para contato: lucianoalmeia@ufpr.br

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0995536046854547>

Ingresso na UFPR: janeiro de 1995

Cargo Atual: Professor Associado IV

2. INTRODUÇÃO

A elaboração deste memorial, inicialmente, me pareceu uma mera obrigação institucional para progressão na carreira e reconhecimento da trajetória profissional. Entretanto, gradativamente esse exercício foi se transformando numa prática prazerosa de resgate das memórias de vida e trabalho, uma reflexão sobre as escolhas e acasos, consequências e contribuições profissionais. Adotei uma estrutura e estilo de linguagem pouco clássica e me permiti contar minha história.

Minha trajetória profissional e acadêmica tem suas raízes na minha história familiar, nas experiências que construíram minha personalidade, minhas aspirações e apontaram os caminhos. Hoje me vejo como um sujeito que faz, pensa e ensina a agricultura de base ecológica e é profundamente tocado pelas temáticas ambientais, sociais, culturais e políticas. Vivo no mundo universitário desde os dezoito anos de idade e nele construí toda minha carreira. Sou um generalista, sei um pouco de muitas áreas e nem tanto de um só campo do conhecimento, ainda que isso possa parecer um crime na comunidade científica.

Minhas contribuições à sociedade como servidor público são relativas, mas espero que principalmente muitas famílias de agricultores familiares e estudantes de diferentes cursos, de alguma forma, tenham sido beneficiados com o meu trabalho. Nos últimos dez anos, ao criar e coordenar um projeto de extensão que disponibiliza alimentos orgânicos através de feiras na UFPR, creio que ajudei a ampliar o acesso a esses produtos e consolidar um espaço de referência da agroecologia na cidade de Curitiba. Embora tenha nascido numa família de poder aquisitivo limitado, muitas portas foram se abrindo pelas condições sociais e econômicas que me foram dadas e, se há méritos no que conquistei na carreira, eles devem ser relativizados.

Nasci em Ponta Grossa, PR, na época (1965), uma pequena cidade rural – urbana. Embora tenha uma vaga herança agrícola registrada em um avô que perdeu suas terras ainda na década de 1940, não tive influências parentais que me influenciassem na escolha para a agronomia. A herança

significativa vem do histórico de pescadores e caçadores na família. Fui ensinado desde a tenra idade que acampar na beira de um rio por dias e semanas, pescando e caçando o que pudesse, vivenciando um universo de provações e realizações. Aprendi cedo a observar e entender os sinais da natureza, o habitat e os comportamentos de determinada espécie que eu caçava ou pescava, o modo como o clima (e a lua) afetava os hábitos dos animais e as condições de vida em um acampamento. Aprendi a gostar do silêncio e da solidão da mata e dos rios, do cheiro dos bichos e plantas, a reconhecer espécies venenosas e comestíveis. O gosto de um amanhecer no campo não tem igual. Dessa vivência que foi até os dezoito anos, guardo o respeito pela natureza que aprendi a conhecer.

Vivendo quase sempre nas periferias das cidades, a caça de pequenos pássaros era uma brincadeira como tantas outras, compartilhada pela maioria dos amigos. As idas quase semanais a pescarias representavam o convívio constante com o mundo rural, agricultores e moradores que conosco compartilhavam seu cotidiano, suas histórias e saberes. Fui tomando gosto pelo modo de vida e o conhecimento daqueles que plantam e vivem do que a natureza lhes proporciona.

Saí de Ponta Grossa com oito anos de idade, e daí em diante foi uma vida de viajante. Vivi em oito cidades até chegar a Curitiba e mudei de residência 29 vezes. Aprendi a recomeçar e recomeçar. Essa vida de cigano, ao menos até os dezoito anos, se deu por conta do trabalho de meu pai, um caixeiro viajante, vendedor e funcionário de uma empresa que condicionava aumentos de salário a mudanças de cidade. Foi explorado por três décadas até ser gentilmente demitido numa véspera de Natal, sem nenhum patrimônio. Do convívio com ele nas inúmeras viagens de trabalho tomei o gosto pelo desafiador processo de comunicação, sensibilização, persuasão e venda. De certo modo, essa vivência me orientou e me ajuda a atuar no campo da comunicação rural. Com minha mãe, que dedicou sua vida ao cuidado de três filhos e fez o que conseguia frente à ausência constante do pai, aprendi a respeitar as mulheres e a luta diária por reconhecimento numa sociedade machista.

O desafio, desde a infância, de se adaptar a uma nova escola e amigos de rua, desenvolveu em mim o interesse em observar os outros e de pensar a

comunicação como estratégia de rápida socialização. De novo, não é a toa que a Comunicação, em especial a Comunicação Rural, é um dos campos do conhecimento centrais na minha área de atuação. Da mesma forma a dedicação à área de ensino e aprendizagem nasceu desse desafio. Foram nove escolas até completar o ensino médio, três delas em um mesmo ano, forçando qualquer um a se virar e aprender por conta. Tive que aprender a aprender, e sempre me instigou o processo pedagógico. Por isso, o interesse pela produção e socialização do conhecimento, pela pedagogia em toda sua amplitude, que me acompanha desde então e são objeto central da cadeira de Extensão Rural, com a qual trabalho, focada na educação de adultos e nos processos e métodos de ensino.

Morando em Porto Alegre, fiz a maior parte do “Segundo Grau” em Contabilidade, trabalhando durante o dia como office boy, auxiliar de escritório, vendedor e sobrevivendo em uma escola noturna pública de qualidade questionável. Meus colegas de sala eram trabalhadores, além de desocupados e viciados. Enfim, uma importante escola. Embora na época meu irmão estivesse iniciando a graduação em Engenharia Elétrica, meu baixo rendimento escolar e o ingresso no mundo do trabalho apontavam para um caminho completamente distante do mundo acadêmico.

3. TRAJETÓRIA ACADÊMICA

3.1. GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA

Uma brusca mudança familiar de Porto Alegre para Maringá, PR, mudou o rumo da história. No início de 1983, depois de cinco meses de estudo intensivo, passei no vestibular para o curso de agronomia na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Em poucos meses meus pais foram embora, e a vida acadêmica com total autonomia, menos a financeira, foi de uma intensidade enriquecedora. Naquele momento, um novo mundo surgiu.

Meus pais mal terminaram o ensino médio, e nunca desenvolveram o hábito da leitura e do debate, predominando uma visão de mundo bastante conservadora e provinciana. Em casa não havia livros, revistas ou jornais. A música e outras manifestações de arte e cultura inexistiam. A UEM, por sua vez, significou uma oportunidade de despertar científico, social, político e

cultural. Em poucos meses entrei para o Centro Acadêmico de Agronomia e comecei a viajar e conviver com pessoas e grupos de diversas “caras”. O envolvimento com o movimento estudantil foi decisivos para minha formação e para as escolhas de vida que faria. Na direção do Centro Acadêmico e depois do Diretório Central dos Estudantes, vivenciei um momento histórico na política brasileira. Era época das “Diretas Já”, dos movimentos pela eleição direta de Reitores, Chefes de Departamento, Coordenadores de Curso. Além disso, o Curso de Agronomia na UEM era novo e experimentava muitas restrições de estrutura e corpo docente. Tudo isso era um caldo nutritivo para debates e reivindicações que passavam pelo movimento estudantil. Em reuniões, debates e congressos, aprendi a dialogar, debater, fazer relatórios, organizar, elaborar projetos. Aprendi que ser agrônomo também é compreender o mundo que condiciona o exercício dessa profissão.

Apesar da dedicação ao movimento estudantil, meu curso não sofreu nenhum atraso e, sem reprovações, conclui a graduação em quatro anos, tempo mínimo na época. Em parte, isso deu pela falta de recursos financeiros, pois com uma pequena bolsa de auxílio condicionada a uma média 8, e poucos recursos familiares, era preciso obter autonomia financeira com urgência. Ainda assim, houve tempo para fazer disciplinas complementares na sociologia e pedagogia, realizar estágios internos e externos em propriedades rurais e uma cooperativa, executar e vivenciar eventos culturais e me dedicar à Extensão. Não havia tempo e prioridade para a pesquisa e a produção científica, ainda assim atuei como estagiário em um projeto de pesquisa em fruticultura, fazendo infundáveis contagens de botões florais em mangueiras, e no laboratório de solos, lutando contra o que me parecia ser uma entediante rotina do método científico. Entretanto, essa vivência ampla trouxe uma perspectiva do papel da universidade na vida dos estudantes que orienta minha prática, principalmente hoje na Coordenação do Curso de Agronomia: cabe à universidade não apenas formar para uma profissão, mas para a vida.

Destaco a experiência acadêmica no campo da sociologia rural e da extensão, fortemente influenciado e auxiliado pelo Professor José Hidalgo da Silva. Foi este professor, aliás, o principal influenciador pelo meu caminho trilhado na Extensão Rural e na academia. Ao fim da graduação e já com um emprego conquistado em um concurso na Companhia de Classificação de

Sementes do Paraná, fui sensibilizado por este professor para fazer o Mestrado em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa. Confesso, não era o desejo maior, mas a possibilidade de continuar no ambiente acadêmico que tanto admirava e uma bolsa que superava o salário foram sedutoras. Com uma carta de recomendação do referido professor e um processo seletivo superado, ingressei no Mestrado em Extensão Rural na UFV em janeiro de 1989.

3.2. MESTRADO EM EXTENSÃO RURAL

O Mestrado em Extensão Rural tem peculiaridades que o diferenciam como uma formação multidisciplinar. Extensão Rural não é uma ciência ou uma área do conhecimento. Ela envolve um universo de áreas que se articulam de modo interdisciplinar para pensar e construir ações de desenvolvimento rural. Isso demanda a imersão no campo das ciências humanas e sociais, com forte ênfase na pedagogia, comunicação, sociologia, antropologia, filosofia do conhecimento, psicologia social e da aprendizagem, pensadas em conjunto para melhorar a qualidade de vida da população do campo. Além disso, esse mestrado tem um viés profissionalizante, onde técnicos de diferentes áreas de instituições públicas de desenvolvimento rural buscam se aprimorar, sem necessariamente focarem a carreira acadêmica. Isso se adequava a minhas possibilidades e expectativas e, se é verdade que foi extremamente enriquecedor, foi também um desafio enorme. Os primeiros trabalhos acadêmicos e científicos exigiam habilidades e método que um curso predominantemente técnico de agronomia não havia proporcionado. Devo muito aos professores que, com seus conhecimentos e exigências, ensinaram e estimularam a reflexão teórica, a disciplina e o rigor metodológico.

Inicialmente o trabalho da dissertação foi orientado para o tema da Extensão Universitária, o que proporcionou durante um ano estudos e reflexões sobre o papel da universidade e o significado da extensão em sua complementaridade com o ensino e a pesquisa. Em meus projetos de extensão na UFPR ainda guardo os ensinamentos daquele momento. Entretanto uma greve de três meses e a saída do orientador da Universidade por questões de saúde, entre outros eventos particulares, me levaram a abandonar essa temática.

O envolvimento com os movimentos estudantis e sociais, a aproximação com as organizações dos agricultores, e o encantamento com a sociologia rural, conduziram a escolha de um novo tema: o sindicalismo rural. Desenvolvi um estudo que resultou na Dissertação intitulada “A Articulação de Diferentes Categorias de Trabalhadores Rurais num Sindicato: unidade ou conflito” que analisou a história de um grupo de agricultores no município de Visconde de Rio Branco, MG. Com uma metodologia fortemente participativa, conheci muitos agricultores, vivenciei reuniões e encontros, escutei muitas histórias que, com a dissertação, revelaram uma trajetória coletiva e de indivíduos, com identidades e diferenças, que a partir de um movimento amparado na Igreja católica, se transforma em uma associação, um sindicato, e, por fim, se desfaz em meio a pressões locais e transformações no movimento sindical brasileiro. Mais do que aprender a pensar e escrever no universo das ciências humanas, tive a grande oportunidade de conhecer o mineiro do interior. Aprendi a identificar e degustar uma boa cachaça, preferencialmente acompanhada com torresmo e tudo mais que a cozinha e a acolhida mineira oferecem.

Próximo da finalização desse curso, duas oportunidades de trabalho surgiram e, de novo, o mundo acadêmico ganhou. A primeira foi um emprego conquistado em um difícil e marcante concurso no Instituto Agrônomo do Paraná, para coordenar as ações de difusão de tecnologia no Polo Experimental de Ponta Grossa, PR, minha cidade natal. Significava atuar numa instituição que eu conhecia desde o período de graduação, trabalhar em contato direto com os agricultores, morar próximo de familiares e ainda voltar a acampar e pescar lambarís, traíras e bagres no rio Tibaji.

A segunda opção era irrecusável. Participar da criação do Centro Universitário de Gurupi, no Tocantins, auxiliando na criação da Universidade do Tocantins, hoje Universidade Federal do Tocantins. A contratação incluía minha esposa e, financeiramente, nossa renda seria quase dez vezes superior ao oferecido pelo IAPAR. A necessidade e a trajetória de aventureiro foram decisivos na escolha.

3.3.A UNIVERSIDADE DO TOCANTINS.

Em janeiro de 1992, eu e mais um grupo de oito professores, entramos em uma casa alugada de três quartos, que veio a ser a sede inicial do Centro Universitário de Gurupi, um dos campi da Universidade do Tocantins, onde foi criado o Curso de Agronomia. Começamos literalmente do zero. Pensamos a estrutura física e organizacional, o curso, a gestão de uma fazenda experimental, os laboratórios, enfim, tudo. É preciso lembrar que o Estado do Tocantins havia sido criado a poucos anos e era uma terra sem um histórico de instituições públicas de ensino.

Por cerca de dois anos assumi várias funções técnico-administrativas e, no ensino, atuei nas disciplinas de Filosofia da Ciência e Redação Científica. Criamos uma estação experimental sob minha responsabilidade que foi uma experiência única em termos de gestão e pesquisa agropecuária. Localizada as margens do rio Javaés, limite com a Ilha do Bananal, nossos experimentos eram visitados por bandos intermináveis de marrecas, patos e outras espécies de pássaros. As visitas de cervos, emas, capivaras e tatus eram constantes e, atrás destes, onças que causavam pânico nos vigias. Na administração, aprovar orçamentos que incluíam armas, cartuchos e fogos de artifício para manter os animais longe dos experimentos, não era uma tarefa de fácil convencimento.

No terceiro ano, com 28 anos, assumi a Direção do Centro Universitário, nesse momento com um quadro com cerca de 35 docentes, além dos técnicos. A experiência foi desafiadora, pois se tratava de um cargo de gestão com maior responsabilidade. A Direção do Centro incorporava toda a administração de pessoal e recursos, o ensino, a pesquisa e a extensão. A experiência de construir um curso de agronomia no formato de uma faculdade foi excepcional e hoje, no cargo de Coordenador do Curso, tento trazer o que de positivo guardei daquela experiência.

Durante essa vivência no Tocantins, o meu investimento em pesquisa foi nulo. A realidade e o desafio colocavam outras prioridades e limitavam a dedicação a produção científica.

O ano de 1994 trouxe não só muito aprendizado na administração, mas também os conflitos que a gestão pública cria em função das ingerências políticas. A Universidade era um órgão estadual em uma terra com poucas leis,

em disputa por lideranças e grupos acostumados com práticas pouco civilizadas. Ao assumir a direção, em decorrência de denúncias de corrupção da direção anterior, deparei-me imediatamente com uma rede de “influenciadores” sedentos por indicações de cargos, por vantagens financeiras, entre tantas outras ingerências. Amparado por uma reitoria que tentava reduzir essa influência, adotei uma gestão autônoma e, naturalmente, fui acumulando inimigos. Resumindo, ao fim de 1994, os problemas tornaram tensa a moradia na cidade de Gurupi e exigiam a permanência de um “policial” em minha casa. Estávamos no interior do Tocantins, onde um vida custava muito pouco. Dito assim, parece que foi difícil, e foi. Mas essa vivência foi de um aprendizado inestimável e não guardo nenhum arrependimento do trabalho, dos amigos e das disputas que experimentei. Fora o trabalho, a natureza do cerrado tocantinense é maravilhosa, e, como bom pescador, não me faltavam opções para fugir do stress e conviver com bons amigos. Tenho saudades.

Restavam duas opções: aceitar um convite para uma assessoria no Governo do Estado em Palmas, a capital, ou reinventar a carreira em outro local. A segunda opção, por forte influência familiar, venceu. Naquele momento busquei concursos em unidades da EMBRAPA na área de difusão de tecnologia e outros em universidades, entre elas a UFPR. O primeiro concurso foi na UFPR e, uma vez aprovado, como recusar a oportunidade, entre outras razões porque em Curitiba moravam meus pais e meus irmãos.

4. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

4.1. FASE DE ADAPTAÇÃO

Posso afirmar que na UFPR recomecei minha carreira acadêmica. Obviamente meu histórico de vida e trabalho, e o ensino na cadeira de Extensão Rural apontavam uma trajetória acadêmica prioritariamente dedicada à Extensão Universitária e ao Ensino de Graduação. Obviamente, atuar na Extensão Universitária é uma condição absolutamente indispensável para quem ministra a disciplina de Extensão Rural. Diante disso, a dedicação à pesquisa e a produção científica tem um caráter complementar e sempre vinculadas a ações de desenvolvimento e extensão.

Os dois primeiros anos na UFPR foram dedicados a estruturar as disciplinas. Assumi as cadeiras de Extensão Rural e Extensão Rural Aplicada,

lecionando a partir de então em turmas para a Agronomia, Medicina Veterinária, Engenharia Florestal e Zootecnia.

Em paralelo, era necessária uma rápida aproximação com o ambiente institucional da Extensão Rural no Paraná, em particular na Região Metropolitana de Curitiba, tanto para estabelecer parcerias para projetos de extensão, como para criar um espaço de experiências para o desenvolvimento das disciplinas de Extensão. Nesse sentido, elaborei um projeto de pesquisa que tinha por objetivo conhecer a estrutura pública de Extensão Rural na Região Metropolitana de Curitiba, em particular na EMATER-PR. Viajei por todas as cidades da região, estabelecendo contatos e parcerias, conhecendo projeto e rotinas de assistência técnica.

Esse novo ambiente inicial possibilitou também, de forma restrita, a dedicação à produção científica e foi finalmente possível apresentar um trabalho derivado do mestrado em um congresso em Santa Maria, RS.

Apenas dois anos após a entrada na UFPR, em janeiro de 1997, fui convidado a participar do Programa Alfa / Estrela da Comunidade Econômica Européia. Neste programa permaneci por seis meses na École Nationale Supérieure Agronomique de Rennes, ENSA, em Rennes, França. Nesse período dediquei-me a aprofundar os estudos em Desenvolvimento Rural, participando de cursos e eventos.

4.2. O DOUTORADO EM MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

A experiência na França, o domínio da língua e a aproximação com autores franceses e seus parceiros pesquisadores da UFPR, propiciou que, em 1998, eu fosse convidado a participar das atividades do Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR e, no início de 1999, ingressei como aluno do Doutorado.

O Doutorado na UFPR e, em particular no MADE, possibilitou a construção de um grupo de colaboradores de diversas áreas de atuação na UFPR e em outras instituições, tendo em vista o caráter multidisciplinar do curso, dos docentes e alunos do programa. Outro aspecto fundamental do Doutorado no MADE decorre da organização do curso. A interdisciplinaridade, tal com realizada naquela época, iniciava com a elaboração de um único programa de pesquisa para cada turma de egressos, diretamente relacionado a

um espaço físico, a realidade nele existente e a perspectiva de construção de ações de desenvolvimento rural. Após um levantamento teórico e empírico exploratório da Região Metropolitana de Curitiba, foram identificados problemas reais que poderiam se transformar em problemas e temas de pesquisa. Eu, e dois colegas da turma passamos a focar alguns municípios da região norte da RMC, pensando a realidade do mundo rural e agrícola.

A escolha de um objeto de estudo que tivesse como espaço empírico uma região próxima a Curitiba tinha um objetivo concreto. A intenção era conhecer com profundidade um espaço físico, e estabelecer contatos nele, de forma a, uma vez concluído o Doutorado, elaborar e conduzir projetos de desenvolvimento e extensão rural na UFPR em articulação com o ensino. E assim foi feito um estudo no município de Colombo, PR, que resultou na Tese de Doutorado intitulada “Mudanças técnicas na agricultura: perspectivas da transição agroecológica no município de Colombo-PR”.

Nesse trabalho analisei os impactos ambientais da agricultura, principalmente da produção de hortaliças, num ambiente de grande fragilidade ambiental. Constatada essa fragilidade, desenvolvi um trabalho de campo identificando as práticas agrícolas existentes, as lógicas e motivações que explicavam as opções e mudanças em curso. A partir de uma forte aproximação com a Prefeitura Municipal, com os órgãos de extensão rural e as organizações dos agricultores e, principalmente, com o convívio intenso com os agricultores, construí uma rede de colaboradores com os quais ainda hoje trabalho. Muitos projetos e ações de extensão que desenvolvi posteriormente tiveram como origem esse trabalho e a tentativa de melhorar a qualidade de vida das famílias que conheci. Hoje, tenho nessa região muitos amigos com os quais convivo frequentemente.

4.3. ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Como relatei anteriormente, a Extensão Universitária, foi e é o centro de minhas atividades na UFPR, seguido pela dedicação à graduação. As ações de pesquisa, a produção científica e a dedicação à pós-graduação são, comparativamente com a maioria dos docentes, limitadas e, quase sempre decorrem e/ou estão associadas às atividades de extensão. Creio que minhas contribuições à ciência e a formação de pós-graduandos não foram

consideráveis, mas, se é verdade que as Universidades Federais tem na Extensão Universitária um dos seus pilares, estou dentro do contexto e fazendo minha parte.

Relato em seguida, em ordem cronológica, os principais projetos de extensão e desenvolvimento rural dos quais participei, na maioria deles, como coordenador.

2004 – 2010. Projeto Solo Planta – ações de apoio à agricultura familiar para o desenvolvimento sustentável. Coordenador. Financiamento UFPR.

Este projeto atuou no apoio aos pequenos agricultores familiares, focando principalmente o manejo conservacionista do solo, especialmente na conversão de sistemas convencionais para orgânicos. Duas frentes de ação orientavam o projeto. A primeira envolvia estratégias de articulação entre as atividades de extensão, as disciplinas do curso de agronomia e a elaboração de projetos de pesquisa do Departamento de Solos. Foram realizados semestralmente diagnósticos técnicos, físico-naturais e sócio-econômicos de microbacias, comunidades e sistemas de produção. Isso envolvia as atividades de várias disciplinas do curso de agronomia como ecologia agrícola, conservação do solo, extensão rural, fitotecnia, olericultura, fruticultura, ecologia, recursos naturais renováveis, e fertilidade do solo. Os conhecimentos gerados eram compartilhados com os agricultores em eventos nas comunidades, com a presença de agricultores, docentes e alunos. Outra frente de ação era a prestação de serviços de análise de solo e elaboração de recomendações técnicas para o uso, manejo e conservação dos solos. Nesse aspecto, o projeto estruturou e manteve um escritório de atendimento aos produtores. A partir desse trabalho surgiram diversas publicações (livro, folders, cartilhas e relatórios técnicos), foram desenvolvidas pesquisas e futuros projetos de extensão. Um aspecto fundamental é que esse projeto, ao incentivar a dedicação de vários docentes para a extensão, ajudou a fortalecer a extensão universitária no Setor de Ciências Agrárias o que resultou em outros projetos.

2005. Projeto RONDON: Diagnóstico sócio econômico e ambiental das Comunidades Indígenas Ticunas no Alto Solimões, Tabatinga, AM. Coordenador. Financiamento Ministério da Educação e Cultura.

Em janeiro de 2005 fui o Coordenador da Equipe da UFPR participante I Fase do Projeto Rondon. Junto com 4 estudantes de diferentes cursos estivemos por 20 dias no município de Tabatinga, fronteira com a Colômbia e Perú, convivendo com comunidades indígenas da etnia Ticunas. Experimentamos diversas metodologias de diagnóstico da realidade e vivenciamos o dia a dia das populações locais. Esta foi uma das experiências mais desafiadoras que já enfrentei, e que deixou um aprendizado e um respeito profundo pelos membros daquela etnia e pelos demais ribeirinhos do Rio Solimões. Desse trabalho resultou um Relatório entregue ao MEC que, infelizmente, não teve continuidade.

2005. Projeto Transição Agroecológica na Região Metropolitana de Curitiba e Litoral Paranaense. Coordenador Técnico. Financiamento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

Desenvolvido no ano de 2005, tratou-se de um Projeto coordenado pela Pró Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR. Atuei como um dos coordenadores Técnicos do Projeto, desenvolvendo ações com Agricultores Familiares da Região Metropolitana de Curitiba, com destaque para o município de Colombo, onde havia feito o doutorado. Parte desse trabalho foi desenvolvido de forma articulada com o Projeto Solo-Planta, focado na realização de eventos de capacitação de agricultores como cursos, reuniões técnicas e dias de campo.

2007 – 2009. Projeto João Surá: implementação de alternativas para a criação e consolidação da economia solidária do remanescente de quilombo João Surá - Adrianópolis - PR. Coordenador. Financiamento: Secretaria de Estado, Ciência e tecnologia do Estado do Paraná – SETI.

Este projeto foi desenvolvido em parceria com o Instituto Agroecológico-IA e tinha como área de ação a comunidade quilombola de João Surá, localizada em Adrianópolis, no Vale do Ribeira Paranaense. O objetivo principal era criar, identificar e apoiar estratégias e alternativas para a criação e

implementação de uma Economia Solidária fundada na Agroecologia. Para tanto, o projeto procurou identificar, fortalecer e criar estratégias de trabalho e organização coletiva. Foram realizados levantamentos, reuniões, oficinas de capacitação, audiências públicas, entre outras atividades. Apesar do potencial existente em produtos como rapaduras, melados, artesanatos de bambu, cipó e taboa, farinha de mandioca e biju de milho, além de excedentes produtivos advindos de sua agricultura, a falta de recursos e conflitos da comunidade com madeiras e fazendeiros locais, deram vida curta ao projeto. Ficou um forte laço de solidariedade e parceiros com os quais nos reencontramos com frequência.

2009 - 2012 Projeto Território do Vale do Ribeira do Paraná e seus processos de gestão social - Célula de acompanhamento, avaliação e informação. Colaborador. Financiamento Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

O objetivo deste projeto foi estabelecer uma Célula de Acompanhamento e Informação em apoio ao Sistema de Gestão Estratégica do Programa Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais/ MDA. O propósito da célula era desenvolver processos participativos de acompanhamento, avaliação e informação no território do Vale do Ribeira do Paraná, assim como a execução de atividades de interesse dos pactuantes que convergiam para um esforço comum da geração e sistematização de conhecimentos, o desenvolvimento de capacidades humanas e organizacionais, o desenvolvimento dos territórios rurais e o aperfeiçoamento da gestão e dos investimentos públicos. Foram realizadas várias reuniões de trabalho com agentes e instituições do poder público e organizações da sociedade civil do Vale do Ribeira, PR. Ao mesmo tempo, deu-se a coleta e sistematização de dados e experiências de desenvolvimento rural na região compartilhados em reuniões e eventos nacionais.

2009 – 2011. Projeto Capacitação de Produtores Agroecológicos em Rio Branco do Sul e Colombo -PR. Coordenador. Financiamento UFPR.

Este projeto emergiu como continuidade do Projeto Solo Planta e priorizou o assessoramento técnico de agricultores familiares para a adoção de

práticas mais sustentáveis, em particular no manejo e conservação dos solos. Foi realizado em parceria com a Prefeitura Municipal de Colombo e com a colaboração de vários docentes e discentes. O destaque desse projeto foi a convivência intensa entre agricultores e estudantes do curso de agronomia possibilitada em visitas, reuniões e eventos.

2010. Projeto Diagnóstico da Produção de Hortaliças na Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Vice-Coordenador. Financiamento Federação da Agricultura do Estado do Paraná.

Coordenado pelo Departamento de Fitotecnia e Fitossanidade da UFPR, minha contribuição se deu no desenvolvimento da metodologia para a realização do diagnóstico.

2012 – 2020. Feiras de Produtos Orgânicos: apoio às agriculturas de base Ecológica. Coordenador. Financiamento UFPR.

Este projeto está em andamento e foi, sem dúvida, a experiência de Extensão Universitária, de maior amplitude, resultados e reconhecimento institucional e da comunidade. Ele nasce como consequência de projetos anteriores que identificaram a ausência de alternativas de comercialização como um dos principais gargalos para o avanço da produção orgânica. A convivência de longa data com os movimentos e organizações dos agricultores da região possibilitou a formulação do projeto em parceria com a Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia (AOPA) e a Rede Ecovida de Agroecologia. Gradualmente foram sendo discutidas e experimentadas alternativas de comercialização que levaram, principalmente, à criação de várias feiras de alimentos orgânicos. Hoje, permanecem quatro feiras de orgânicos em diferentes campus da UFPR e dois Grupos de Consumo que adquirem semanalmente cestas de produtos orgânicos. Essas feiras e cestas são um dos resultados finais de um longo trabalho de auxílio à organização dos agricultores, de capacitação na produção e no processo de comercialização, de construção de mercados. Foram e estão sendo realizadas incontáveis visitas de diagnóstico, acompanhamento, certificação e resolução de problemas. Reuniões, excursões, eventos técnicos são a rotina do projeto. Relatórios anuais apresentados à UFPR detalham as atividades entre as quais

destacamos o forte impacto na Comunidade Externa e o grande número de estudantes de diversos cursos envolvidos. Esse é um projeto aonde os agricultores vem construindo sua autonomia. Além das feiras e cestas, diversas outras estratégias de comercialização foram sendo organizadas e viabilizam a produção e o escoamento da produção. Estou certo que o projeto ajudou muitas famílias que hoje, podem fazer as feiras e realizar sua comercialização sem a presença de estudantes ou docentes da UFPR. Esse momento do projeto possibilitou e estimulou a busca de novos desafios, entre os quais está a minha dedicação à Administração na função de Coordenador de Curso, como citarei adiante.

2019- 2020. Projeto Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agroecologia/ CEPEA. Vice-Coordenador. Financiamento UFPR.

Este projeto emerge como continuidade da implantação de disciplinas de Agroecologia no Setor de Ciências Agrárias e com a possibilidade da implementação de uma área de experimentação em uma das fazendas da UFPR. Esta área vem se constituindo num espaço importante de aprendizado prático em tecnologias de base ecológica para os estudantes. Trabalhamos na perspectiva do potencial desse espaço para a formação também de agricultores.

Uma das principais contribuições desses projetos foi o envolvimento de estudantes de diversos cursos de graduação da UFPR em suas atividades. Ao todo, entre bolsistas e estagiários voluntários, tivemos até hoje mais de noventa estudantes envolvidos. Muitos desses, sensibilizados pelos projetos, passaram a orientar sua formação e exercício profissional para a extensão rural, os agricultores familiares e a agroecologia.

Em seu conjunto, esses projetos resultaram também na participação e apresentação de trabalhos em vários congressos e em publicações científicas conforme disponibilizado no Currículo Lattes.

4.4. PESQUISA / PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Algumas linhas e projetos de pesquisa orientaram meus estudos e minha produção científica. Cito os mais relevantes.

1. O rural da região metropolitana de Curitiba e seus processos de reconstrução sócio ambiental: subsídios para pensar políticas de desenvolvimento. Período 1998-2003.

Este projeto foi elaborado e executado no âmbito do Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento, e do qual fez parte meu Doutorado no referido Programa. Descrição: Considerando a heterogeneidade do espaço rural na Região Metropolitana de Curitiba e a permanência de um conjunto expressivo de pequenos agricultores familiares na agricultura, em situações sócio econômicas e ambientais diversas e contrastantes, este projeto teve como objetivos: caracterizar tais situações sócio ambientais e suas tendências de mudanças, relacionando-as as novas formas de ocupação do espaço na RMC, aos processos técnicos produtivos hegemônicos e emergentes e às demais estratégias de organização e reprodução dos agricultores. Subsidiar políticas de desenvolvimento rural para a RMC. Neste sentido propôs-se especificamente: Caracterizar e delimitar as diferentes unidades de paisagem; analisar as lógicas de gestão, de reconversão produtiva e de transição agroambiental; analisar as estratégias de reprodução e inclusão social dos agricultores; analisar a organização de novos atores na agricultura, seus projetos e seu papel na reconstrução do rural da RMC.

2. A institucionalização da agroecologia e os novos mercados para a agricultura familiar. 2012-2013.

Este projeto foi desenvolvido articulado com o Projeto de Extensão: Feiras de Produtos Orgânicos: apoio as agriculturas de base ecológica. O objetivo do estudo consistiu em analisar as reconfigurações sociais e institucionais em curso nos mercados para produtos orgânicos e agroecológicos como decorrência do processo de institucionalização pelo qual passam os sistemas de agricultura de base ecológica. Este objetivo geral desdobrou-se nos seguintes objetivos específicos: Identificar as trajetórias percorridas pelos produtos agroecológicos, mapeando os circuitos de comércio mais relevantes e o uso de diferentes mecanismos de certificação. Analisar o formato e a

reconfiguração das redes sociais pelas quais circulam os produtos agroecológicos, situando os atores mais relevantes em cada mercado e como eles relacionam-se entre si. Compreender os princípios valorativos (normas, regras, códigos, convenções, formas de conduta etc.) que orientam as transações nestes diferentes mercados e conferem um formato específico às redes. Analisar como os atores coordenam suas ações face à coexistência de diferentes mercados e sistemas de certificação e quais as implicações disto na emergência de uma nova racionalidade produtiva na agroecologia. Identificar quais são as estratégias utilizadas pelos atores, individualmente ou coletivamente, para dinamizar ou potencializar os produtos orgânicos e agroecológicos no território.

3. Análise do processo de geração, socialização e sistematização do conhecimento no campo da agricultura biológica na França e Brasil.

Este projeto foi elaborado e executado entre 2013 e 2014 durante o Pós Doutorado no INRA – INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA AGRÍCOLA. Centro de Pesquisa de Avignon. Unidade Ecodesenvolvimento. Foi desenvolvido no âmbito do convênio CAPES/COFECUB 716/11/ A agroecologia na França e no Brasil: entre redes científicas, movimentos sociais e políticas públicas.

O objetivo do projeto foi analisar os modelos e estratégias de geração e socialização do conhecimento no campo das agriculturas de base ecológica na França e no Brasil. Tratou-se de identificar o conjunto de atores sociais envolvidos nos processos de pesquisa e extensão agroecológica, o que envolve instituições públicas e privadas, organizações não governamentais e os próprios agricultores nas mais variadas formas de agregação. A partir desse quadro, abordou-se os modelos de pesquisa utilizados e qual a participação dos agricultores nestas; os modelos e estratégias de socialização/ extensão / difusão das experiências e conhecimentos estão associados a estas pesquisas. De modo complementar essa linha de pesquisa avançou para tentar compreender os limites e possibilidades da institucionalização pública dos processos de geração e socialização do conhecimento no campo da agroecologia.

A produção científica decorrente dessas linhas e projetos de pesquisa bem como dos Projetos de Extensão, estão disponibilizadas no currículo lattes. Apenas destaco aqui o quantitativo de parte mais relevante dessa produção:

Produção bibliográfica

- Artigos completos publicados em periódico..... 11
- Capítulos de livros publicados..... 5
- Trabalhos publicados em anais de eventos..... 31
- Apresentações de trabalhos (Comunicação)..... 2
- Apresentações de trabalhos (Congresso)..... 11
- Apresentações de trabalhos (Seminário)..... 3

4.5. ATIVIDADES NA PÓS GRADUAÇÃO

Por um período relativamente curto colaborei com o Curso Especialização em Agronegócios. UFPR. DERE. Pontualmente lecionando a Disciplina Instituições de apoio aos agricultores, Dinâmicas sociais no meio rural. Posteriormente orientei alunos e participei de algumas bancas. Entretanto, essa iniciativa acabou tomando proporções muito além do que eu concordava, transformando-se num grande programa de ensino à distância, pago pelos estudantes e com produção em larga escala de “Pós-Graduandos”.

O Programa de Pós-graduação, Meio Ambiente e Desenvolvimento. UFPR foi um marco em minha carreira. Ali fiz meu doutorado e conheci grandes profissionais. Por um curto período, colaborei com o mestrado na disciplina de Agricultura, desenvolvimento rural e sustentabilidade, Oficinas Interdisciplinares I e II. Orientei alguns alunos de mestrado e doutorado e ainda participo com prazer de bancas de mestrado e doutorado.

No Programa de Pós-graduação em Ciências do Solo, do Departamento de Solos e Engenharia Agrícola da UFPR colaborei em apenas um semestre ministrando a disciplina Metodologia de Pesquisa.

Apesar destas experiências terem sido gratificantes, percebi que minha vocação na academia não apontava para a dedicação que a Pós-Graduação, seja no ensino, seja na orientação, demandam. Esta reflexão se consolidou

durante a realização do Pós Doutorado em 2013/2014. Na ocasião dediquei-me a pensar na construção do conhecimento no campo da agroecologia, o que me fez retornar aos estudos sobre a epistemologia da produção científica. No retorno ao Brasil, fiz a opção, nem sempre bem aceita pela academia, de deixar o ensino e orientação na pós-graduação. Minhas reflexões sobre a construção do conhecimento tinham um objetivo concreto, não da produção científica, mas de vivenciar esse processo com os agricultores. A partir de então tenho atuado fortemente em estratégias de diálogo com agricultores e estudantes dentro de projetos de extensão.

4.6. ORIENTAÇÕES, SUPERVISÕES E BANCAS

Tenho claro que a docência é uma oportunidade única de estabelecer relações muito próximas com estudantes, contribuindo com seus projetos, seus sonhos e ajudando a vivenciar com mais serenidade suas desafios e angústias. Nesse sentido, além das poucas orientações de pós-graduação, é com estagiários da graduação em projetos de extensão que acredito ter aprendido e auxiliado. Formalmente foram mais de noventa estudantes de cursos variados, além de outros tantos em convivências menos duradouras. Cito um quantitativo dessas atividades e das bancas que participei.

Orientações

- Orientação concluída (dissertação de mestrado - orientador principal).....	1
- Orientação concluída (tese de doutorado - orientador principal).....	1
- Orientação concluída (tese de doutorado - co-orientador).....	2
- Orientação concluída (monografia de conclusão de curso de Especialização)	12
- Orientação concluída (trabalho de conclusão de curso de Graduação).....	7
- Orientação concluída (extensão universitária).....	92

Bancas

- Participação em banca de trabalhos de conclusão (mestrado).....	11
- Participação em banca de trabalhos de conclusão (doutorado).....	7
- Participação em banca de trabalhos de conclusão (exame de qualificação de doutorado).....	8
- Participação em banca de trabalhos de conclusão (especialização).....	27

- Participação em banca de trabalhos de conclusão (graduação)..... 7
- Participação em banca de comissões julgadoras (concurso público)..... 6

4.7 ADMINISTRAÇÃO

Tenho exercido nestes 25 anos de UFPR diversas funções de caráter administrativo. Participei de Comitês, com particular dedicação ao Comitê Setorial de Extensão do Setor de Ciências Agrárias, do qual fui presidente, e do Comitê Assessor de Extensão, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

Tenho sido continuamente representante do Departamento de Economia Rural e Extensão em Colegiados de Curso como a Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia, bem como em Comissões de diferentes funções.

Destaco o exercício do Cargo de Chefe do Departamento de Economia Rural e Extensão entre 2008 e 2012, bem como a função de Coordenador do Curso de Agronomia, o qual exerço atualmente desde 12/2019. Esta última função é um desejo de longa data que se revelou adequado neste momento da carreira. Desde os tempos de graduação em agronomia em Maringá tenho refletido e atuado sobre a formação de profissionais de ciências agrárias. A graduação em agronomia, enquanto tema de reflexão, sempre esteve presente nas discussões sobre reformas curriculares, na participação em colegiados de cursos, na implementação de novos processos pedagógicos e na busca de aproximações com a pesquisa e a extensão.

Ao mesmo tempo, ano após ano, tenho percebido transformações e problemas na graduação que me inquietam. Alunos com pouco estímulo e dedicação ao aprendizado, tornando-se cada vez mais passivos e amedrontados frente a docentes autoritários e sem competência pedagógica. Problemas psicopedagógicos se acumulam, com conflitos e transtornos de personalidade se revelando cada vez com mais frequência. Um currículo ultrapassado e abarrotado de disciplinas desconectadas forçando alunos a horas e mais horas de escuta improdutiva. Alunos chegando ao fim do curso despreparados não só para o exercício da profissão, mas também para a vida, para um novo mundo do trabalho que emerge exigindo novas habilidades e competências. Diante disso, a Coordenação do Curso de Agronomia surgiu

como um desafio e, por hora, tem sido uma experiência enriquecedora, apesar dos percalços.

Devo acrescentar ainda que a demanda para a acreditação da extensão na UFPR emergiu como um grande desafio para o qual creio que poderei contribuir.

4.8 PARTICIPAÇÕES EM ÓRGÃO EXTERNOS

O envolvimento com os movimentos sociais externos à UFPR, mas com profunda ligação com a prática acadêmica, levaram a participação contínua em alguns órgãos, dos quais cito:

- Representante da UFPR no Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional – CONSEA-PR.

- Representante da UFPR na Comissão de Produção Orgânica do Paraná – CPORG/PR, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

- Membro da Câmara Técnica de Agroecologia do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar, PR. CEDRAF.

- Membro da Rede Ecovida de Agroecologia: Núcleo Mauricio B. do Amaral. PR.

- Representante da UFPR no Conselho de Representantes da Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER-PR.

- Membro do Conselho de Representantes da Associação dos Professores da UFPR. APUFPR.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações de Extensão Universitária compreendem um conjunto de atividades e de dedicação que, via de regra, não se enquadram nos procedimentos institucionais de validação e avaliação acadêmica. Dentro dos projetos de extensão desenvolvidos, inúmeras foram as visitas aos agricultores, reuniões com as mais diversas finalidades, os eventos, cursos e oficinas realizados. Muitas destas ações foram e são realizadas sem possibilidade de planejamento e registro prévio, em horários estendidos, à noite e em fins de semana. Apenas recentemente tem se tentado tornar mais ágil o registro

destes na UFPR, mas a dinâmica da relação com o mundo real frequentemente se antecipa aos prazos e burla os procedimentos burocráticos.

Além das atividades relatadas, cabe lembrar outras como revisor pontual de alguns periódicos, palestras e participações em eventos.

Por fim, sou grato a UFPR e ao ambiente acadêmico por todo o crescimento pessoal e profissional que me foi proporcionado. Sou um ferrenho defensor de nossa universidade e do ensino público, gratuito e de qualidade a toda a população, sobretudo para aqueles menos favorecidos na sociedade.

Prof. Luciano de Almeida
Curitiba, maio de 2020.